

O Sexting como marcador de identidade de grupo em redes sociais: aspectos desenvolvimentais e interface pragmático-interacional

Resumo

Este artigo discute a prática do *sexting* por adolescentes em redes sociais com o objetivo de avaliar o processo de interação tecnologicamente mediada e algumas de suas implicações para o estabelecimento de laços sociais e para a construção de marcadores de identidade. Foram utilizados nessa discussão princípios teóricos da Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento e da Pragmática Interacional. Os dados apresentados foram coletados junto a um grupo de estudantes de duas escolas da cidade de Salvador/BA, por meio de um questionário semiaberto construído para obter informações sobre a concepção que esses estudantes apresentavam sobre o *sexting*, a rede de interação na qual esse comportamento ocorria e as formas de lidar com os riscos inerentes a esse comportamento. Os resultados demonstram que falar sobre sexualidade ainda é um tabu. Isso é evidenciado tanto na esquiva dos adolescentes em assumir a prática do *sexting*, especialmente frente aos seus pais, quanto nas respostas aparentemente contraditórias registradas no questionário. É fundamental que mais pesquisas sobre *sexting* sejam desenvolvidas para compreender uma vivência consciente da sexualidade tecnologicamente mediada para que seus benefícios sejam aproveitados e minimizem-se seus riscos.

Palavras-chave: *sexting*; *sexting* e adolescência; sexualidade tecnologicamente mediada; identidade; interação social e pragmática.

Fabricio de Souza

Universidade Federal da Bahia –
UFBA – Salvador/BA – Brasil
fabricius.souza@gmail.com

Flavio Biasutti Valadares

Instituto Federal de São Paulo –
IFSP – São Paulo/SP – Brasil
flaviovaladares2@gmail.com

Para citar este artigo:

SOUZA, Fabricio de; VALADARES, Flavio Biasutti. O Sexting como marcador de identidade de grupo em redes sociais: aspectos desenvolvimentais e interface pragmático-interacional. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 411-430, jan./abr. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824542023411

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023411>



Sexting as a marker of group identity in social media: developmental aspects and pragmatic-interactional interface

Abstract

This article discusses the practice of sexting by adolescents in social networks in order to evaluate the process of technologically mediated interaction and some of its implications for the establishment of social bonds and the construction of identity markers. Theoretical principles of Evolutionary Developmental Psychology and Interactional Pragmatics will be used in this discussion. The data presented was collected from a group of students from two schools in the city of Salvador/BA through a semi-open questionnaire built to obtain information about the conception that these students presented about sexting, the interaction network where this behavior occurred and ways of dealing with the risks inherent in this behavior. The results showed that talking about sexuality is still a taboo. This was evident both in the avoidance of adolescents in assuming the practice of sexting, especially in front of their parents, and in the apparently contradictory responses recorded in the questionnaire. It is fundamental that more research on sexting be developed to understand a conscious experience of technologically mediated sexuality so that its benefits are well used and its risks are minimized.

Keywords: sexting; sexting and adolescence; technologically mediated sexuality; identity; social interaction and pragmatic.

Sexting como marcador de identidad grupal en redes sociales: aspectos evolutivos e interfaz pragmático-Interaccional

Resumo

Este artículo aborda la práctica de sexting por parte de adolescentes en las redes sociales con el objetivo de evaluar el proceso de interacción mediado tecnológicamente y algunas de sus implicaciones para el establecimiento de vínculos sociales y la construcción de marcadores de identidad. En esta discusión se utilizaron los principios teóricos de la Psicología del Desarrollo Evolutivo y la Pragmática Interaccional. Los datos presentados fueron recolectados de un grupo de estudiantes de escuelas de la ciudad de Salvador/BA, a través de un cuestionario semiabierto diseñado para obtener información sobre la concepción que estos estudiantes tenían sobre el sexting, la red de interacción donde ocurrió este comportamiento y maneras de hacer frente a los riesgos inherentes a este comportamiento. Los resultados demuestran que hablar de sexualidad sigue siendo un tabú. Esto se evidencia tanto en la evitación de los adolescentes de asumir la práctica del sexting, especialmente frente a sus padres, como en las respuestas aparentemente contradictorias registradas en el cuestionario. Es fundamental que se desarrollen más investigaciones sobre el sexting para comprender una experiencia consciente de la sexualidad mediada tecnológicamente de manera que se aprovechen sus beneficios y se minimicen sus riesgos.

Palabras clave: sexting; sexting y adolescencia; la sexualidad mediada tecnológicamente; identidad; interacción social y pragmática.

1 Introdução

De acordo com Souza e Banaco (2018), o *sexting* é a produção e o compartilhamento, por meio eletrônico, de vídeos, imagens ou textos que explicitem claramente as áreas genitais ou outras partes do corpo (em forte alusão sexual), ou, em sendo conteúdo especificamente escrito, mensagens que expressam experiências e/ou insinuações sexuais da própria pessoa que produz esses materiais e, também, de seus amigos, colegas ou demais pessoas que estejam ligadas em uma rede social específica. Nesse sentido, ainda que não existindo uma definição única para esse tipo de compartilhamento de informação, é possível ter em mente, conforme sugerido por Wolak e Finkelhor (2011), que o *sexting* pode ocorrer entre amigos e amigas como parte do estabelecimento das relações de confiança e de amizade, também construindo uma atmosfera romântica e envolvendo atenção sexual (*relational sexting*). Mas não se pode negar que o caráter delituoso e o abuso sexual estão marcadamente presentes em algumas práticas de *sexting* (*aggravated sexting*).

Nessa perspectiva, investigando o fator motivacional constituinte do *sexting*, Dodaj e Sesar (2020) afirmam que a relação de amizade, o estabelecimento de vínculos e o fortalecimento da confiança mútua estão muito presentes no que definiram como *sexting* relacional. Ao se referirem ao *sexting* reativo, estes autores discutem o estabelecimento das relações de amizade, da construção da identidade e da experimentação de elementos ligados à sexualidade. Quanto ao *sexting* forçado, é identificada a pressão de amigas e amigos, a exigência dos namorados e das namoradas ou a imposição de quem é visto como possível parceiro. A categoria de *sexting* violento, segundo discutida por Wolak e Finkelhor (2011), envolve elementos de caráter abusivo como produzir, guardar e/ou compartilhar conteúdos produzidos por adolescentes para futura chantagem ou extorsão. Nessa forma de *sexting*, pode haver o envolvimento de adultos na produção de conteúdos envolvendo a nudez de adolescentes.

É conveniente prosseguir a discussão sobre o *sexting* com a informação apresentada por Sibilia (2008). Essa autora reflete sobre como as redes sociais, de maneira geral, corroboram para que as pessoas façam uma ampla exposição de si mesmas, como se fosse preciso “estar visível” para ser validado pelas outras pessoas. Nesse aspecto, Walrave et al. (2018) descrevem a forma como os ambientes virtuais criam

efeitos desinibitórios no comportamento das pessoas, o que, por sua vez, pode levar essa desinibição *online* a se apresentar de duas maneiras: a desinibição benigna e a desinibição tóxica.

A primeira pode ser observada em pessoas que, por exemplo, em situações presenciais, enfrentam dificuldades de relacionamento com outras pessoas sob receio de ter que lidar com possíveis reações e olhares indesejados, mas que encontram no ambiente virtual um lugar de possível rompimento com tais efeitos aversivos e se sentem encorajadas a se expressar livremente naquele ambiente. No caso da desinibição tóxica, podemos observá-la em pessoas que praticam o *cyberbullying*, abuso de namoro virtual e os denominados “trolls”, que são pessoas cujo comportamento tende sistematicamente a desestabilizar uma discussão e a provocar e enfurecer as pessoas nela envolvidas (WALRAVE *et al.*, 2018).

Dessa maneira, a fim de estabelecer interface teórica, adotamos, neste artigo, a definição de Paiva (2014, p. 144) sobre linguagem: “sistema dinâmico não linear e adaptativo, composto por uma interconexão de elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-culturais e políticos que nos permitem pensar e agir em sociedade” e apresentamos alguns dos resultados de um estudo sobre a prática e a concepção do *sexting* entre adolescentes estudantes de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Salvador/BA, ressaltando suas feições identitário-pragmáticas na prática do *sexting*. Para tanto, o referido estudo comporta a investigação do entendimento da concepção dos adolescentes a respeito do que é o *sexting*, bem como da avaliação de suas particularidades e consequências, além da rede de interações que propicia tal prática e a rede de apoio utilizada no enfrentamento das consequências negativas advindas dessa prática, aliando-se isso aos componentes de linguagem, verbal e não verbal, que permeiam as interações na marcação de identidade de grupo.

Para alcançar o que foi proposto na investigação, foi elaborado um questionário semiaberto¹ aplicado a estudantes do ensino médio de duas escolas da cidade de Salvador/BA, uma pública e outra privada. A escolha dessas escolas se deu por

¹ Informamos, para efeito de registro, que os alunos de iniciação científica, envolvidos em parte da pesquisa, participaram de reuniões sob orientação do primeiro autor deste artigo, a fim de debater e discutir a forma de abordar o “*sexting*” entre adolescentes, para viabilizar o formato da coleta e da análise dos dados.

conveniência, considerando os contatos profissionais previamente estabelecidos entre os pesquisadores e as diretoras dessas instituições. Os adolescentes que participaram da investigação cursavam o ensino médio e foram selecionados a partir da sua disponibilidade de tempo e interesse. Os critérios de inclusão, além do interesse em colaborar com o estudo, foram estar cursando o ensino médio e a autorização de mãe, pai ou de um adulto responsável pelo adolescente. Foram atendidas todas as exigências éticas da pesquisa com seres humanos, tendo sido o projeto de investigação devidamente submetido à análise de um Comitê de Ética em Pesquisa² via Plataforma Brasil. Aceitaram responder ao questionário 53 adolescentes, dos quais 34 se identificaram como mulheres (64%) e 19 (36%) como homens.

Informamos que a aplicação do instrumento de coleta só ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelas mães, pelos pais ou pelos responsáveis legais dos adolescentes, e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos próprios estudantes. Foi respeitado tudo o que preconiza a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), além do Art. 16, do Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Os dados selecionados³ foram submetidos à Análise de Conteúdo, em conformidade com os pressupostos empreendidos por Bardin (1977) e Bauer (2002), cuja noção se relaciona a

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Assim, conforme Bardin (1977, p. 41), procuramos estabelecer, na realização da análise, “[...] uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes)

² Projeto com parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (identificação omitida para garantir avaliação às cegas).

³ Selecionamos uma fração da totalidade dos dados para cumprir os objetivos deste artigo, ou seja, os demais dados da coleta, não utilizados nesse momento, comporão propostas de trabalhos posteriores.

dos enunciados”; em nossa configuração de base metodológica, com vistas a dar o tratamento científico necessário para a consecução de nosso objetivo, estabelecemos: 1) analisar a concepção apresentada pelos adolescentes a respeito da prática do *sexting*, 2) elencar as consequências que esses adolescentes julgam obter nessa prática, e 3) obter informação sobre a rede de interações e de apoio referentes a tal prática na marcação identitária de grupo.

2 Síntese teórica, resultados e discussão dos dados

Ao compreender que a mediação da internet pode reconfigurar a prática interacional entre as pessoas e que, conseqüentemente, nas interações tecnologicamente mediadas pode haver uma ausência de linguagens não verbais, bem como *feedbacks* emocionais ausentes ou atrasados, os remetentes das mensagens podem não perceber o impacto que têm e gerar inibição dos autores nas interações presenciais. Nesse ponto, destacamos que as interações/interactantes se fundam como construtoras ativas de momentos sociais em encontros nos quais há um jogo cooperativo constante que remete a uma construção de sentido, isto é, como atesta Gumperz (1982), com significados socioculturais imbricados em suas ações, que envolvem expectativas, valores e percepções, crenças, além do conhecimento comunicativo, pragmático e a informação contextual compartilhada.

Dessa forma, sustentamos que os efeitos da desinibição *online* podem ser observados no fenômeno do *sexting* e que, conforme Oliveira (2010, p. 56) atesta, pelo viés da Pragmática Interacional, é possível associar a ideia de que se instaura “no universo sócio-semiótico da linguagem e reflete a dinâmica do comportamento comunicativo social dos seres humanos, isto é: uma perspectiva dos vários eventos interativos em que os indivíduos se envolvem socialmente para evitar o ‘não ser reconhecido’”. Nesse ponto, consideramos que a associação conceitual da Pragmática Interacional para a análise do *sexting* se pauta no uso da linguagem do ponto de vista de seu funcionamento real, segundo o qual as adequações a contextos específicos, o desempenho dos interactantes e o discurso utilizado devem ser observados.

Cabe-nos, então, apresentar as tipologias que Wolak e Finkelhor (2011) elaboraram para *sexting*: o agravado e o experiencial⁴, em que o primeiro está relacionado a adultos seduzindo menores de idade, com a disseminação imprudente de seu conteúdo na intenção de prejudicar o outro, o que se configura como crime, visto que o compartilhamento de imagens sexuais de menores de idade é configurado como pornografia infantil, conforme Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90 e Lei n. 10.764/03). No segundo tipo, a criação e envio de conteúdos sexuais produzidos por adolescentes, sem adultos envolvidos na interação, e nenhuma intenção aparente de prejudicar ou usar de maneira imprudente o seu conteúdo. Em suma, dentro dessa tipologia, as pessoas fazem o compartilhamento entre si, sem o compartilhamento para terceiros⁵. Na maioria dos casos, é praticado dentro de um namoro, como uma busca de atenção sexual ou como prática lúdica (SOUZA; BECKER, 2019), isto é, não é incomum que a prática do *sexting* seja permeada por um conjunto de nuances desses aspectos.

No entanto, a disseminação de conteúdos pessoais sem a devida autorização da pessoa, sendo o conteúdo original e/ou até mesmo editado, pode gerar muito constrangimento para a pessoa que tem suas fotos ou vídeos divulgados. Esse tipo de prática é intitulado como *sexting* secundário e pode levar a casos traumáticos, como assédio moral, importunação e assédio sexual decorrentes da circulação indevida desses conteúdos sexuais. Considerando as consequências ainda mais graves que podem advir dessa prática específica de *sexting*, tais como depressão, automutilação e suicídio, é preciso que mães, pais, docentes e demais pessoas responsáveis pela saúde e pelo bem-estar dos adolescentes atentem para que estes desenvolvam habilidades de interação que lhes permitam, ao mesmo tempo, experimentar as possibilidades oferecidas pela comunicação tecnologicamente mediada e construir um repertório comportamental para evitar, minimizar e lidar apropriadamente com as consequências negativas do *sexting*.

A partir disso, com base na Sociolinguística Interacional, sob a concepção de Gumperz (1982), entendemos que o foco em práticas comunicativas moldadas por disposições para agir e perceber o mundo em consonância com os relacionamentos de poder reivindica que nossos mundos sociais sejam moldados por meio da interação.

⁴ Tradução nossa.

⁵ Essa classificação atende aos critérios de revisão bibliográfica sobre o tema, mas não foi utilizada na construção do instrumento de coleta de dados.

Nesse ponto, cumpre-nos explicitar sob o ponto de vista de seus usuários, como assinala Crystal (2000), que, particularmente acerca das escolhas feitas e das restrições encontradas em interações sociais, há efeitos que esses usuários produzem sobre outros colegas nos atos da comunicação via *sexting*.

Além disso, ressaltamos, de acordo com Dubois (1973), que o aspecto pragmático da linguagem se reporta às características de sua utilização, como as motivações psicológicas que os falantes têm, as reações entre interactantes e tipos socializados no uso, por exemplo. Também, conforme Oliveira (2010), afirmamos que há relações com um fazer e com um representar, isto é, existem sujeitos intencionais que, por essa razão, acionam noções de escolha e de estratégia centrais no percurso que perpassam a complexidade dos usos da linguagem cinética, visual e sonora em atos comunicativos nas diversas situações intra e interculturais. Considerados os aspectos até aqui expostos, partimos da noção de que o objetivo da Análise de Conteúdo “é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 1977, p. 46), sendo importante, nesse ponto, o relato inicial dos percentuais a partir das questões fechadas selecionadas para análise neste artigo⁶.

Na questão sobre receber/ter recebido alguma orientação para navegar na rede, os 53 participantes disseram já terem sido orientados a respeito da navegação segura na internet por pais ou professores. Entretanto, ao realizar o recorte entre os estudantes da escola pública e da privada, é verificada uma disparidade nos números sobre a fonte de orientação para o uso da internet: apenas 3,7% dos alunos da escola pública afirmaram receber orientações dos professores, em comparação com 43,39% dos alunos da instituição privada, que afirmaram receber essas orientações. Quando questionados acerca da supervisão quanto ao uso das redes sociais digitais, 17 adolescentes (10 estudantes da instituição pública e 7 de instituição privada) afirmaram receber monitoramento por algum responsável, enquanto 36 (09 estudantes de escola pública e 27 de instituição privada) disseram que não. Com relação aos equipamentos para acesso à rede, 11 alunos possuem um computador de mesa, 31 possuem *laptops*, 14 possuem

⁶ É necessário esclarecermos que, devido ao objetivo proposto, selecionamos apenas algumas questões, a fim de balizar nossa análise.

tablets e 50 têm um celular com acesso à internet. Outros 3 disseram não ter celular com acesso à internet. Quanto ao cômodo da casa onde fazem o uso de tais dispositivos, foram identificados 40 participantes que fazem o uso de computadores/laptops em seus quartos, 19 na sala de estar, um na cozinha, dois na varanda e seis em escritório.

Dados relativos aos quantitativos de acessos, monitoramento e modo de uso dos dispositivos eletrônicos remetem a um comportamento que ecoa para possibilidades de construir relações com escolhas e estratégias que se inserem em tipos socializados tais que representam sujeitos intencionais para interações que revelam um fazer e um representar inseridos nas complexas redes constituídas nesse processo e que demandam usos de uma linguagem cinético-visual. Assim, em específico, nos dados coletados, ao expressarem o que pensam acerca do *sexting*, 14 rapazes e 19 moças demonstraram acreditar que esse tipo de interação é mais apropriado para os homens e que as mulheres devem cuidar para não se tornarem malvistas entre seus pares. Esse é um aspecto bastante importante no que se refere a situações de ordem cultural, uma vez que as práticas comunicativas conformadas, que se relacionam com a ideia de poder, dispõem para a percepção dessa perspectiva de poder entranhada na sociedade em relação à objetificação da mulher.

Nesse sentido, de acordo com Drumont (1980), o machismo é definido como um sistema de representações responsável pelo estabelecimento de um gênero dominante (o masculino) e um gênero dominado (o feminino), sendo assim estabelecida uma relação hierárquica. O autor completa que a difusão de tal concepção dominante no tecido social contribui para a manutenção de relações de exploração e para sua mistificação em curto e longo prazos. Tal concepção de gênero dominante pode ser observada no comportamento dos adolescentes, os quais indicam a conformidade com uma invisibilização feminina ao desconsiderar o *sexting* como uma forma de expressão de sua sexualidade.

Aqui, é importante fazer uma associação com o que sustenta Bhabha (1998, p. 301), a fim de especular sobre os comportamentos que se mantêm por gerações em nossa sociedade: “as hifenações híbridas enfatizam os elementos incomensuráveis – os pedaços teimosos – como a base das identificações culturais”, acrescentando o autor que o foco “é a natureza performativa das identidades diferenciais: a regulação e negociação

daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras” (BHABHA, 1998, p. 301) além de pontuar que “expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero ou raça” (BHABHA, 1998, p. 301).

Outro ponto é relativo a motivações para o *sexting*: somente duas pessoas responderam a essa pergunta quanto ao que as motiva para esse tipo de compartilhamento de conteúdo, sendo a promoção da autoimagem e da intimidade, excitação sexual, pressão dos amigos ou ainda a participação em grupos de troca de pornografia as motivações declaradas. Constatamos, nesse caso, que mesmo sendo o *sexting* um comportamento possível dentre aqueles que estão envolvidos no desenvolvimento sexual dos adolescentes, como sustentado por Cardoso, Falcke e Mosmann (2019), isso não significa dizer que ele só ocorre entre parceiros amorosos, mas, como os dados desta investigação mostraram, pode estar presente nos círculos de amizade, nos momentos de ludicidade e nas ocasiões de flerte. E essas motivações não se excluem mutuamente, sendo possível que várias delas se caracterizem como uma interação específica.

Pode-se perguntar se em todas essas justificativas a preocupação com a autoimagem e a reputação social, por estarem no momento de desenvolvimento sexual, deram ensejo aos jovens a praticar *sexting*. Sobre esse aspecto, Murari e Dorneles (2018) defendem que um dos objetivos adjacentes à comparação do próprio corpo com o de modelo considerado normal, e até atraente sexualmente, é avaliar o quanto se está próximo, potencialmente, de conseguir um relacionamento amoroso.

Do ponto de vista do sujeito atual, Hall (1987) argumenta que, desprovido de uma identidade fixa, essencial ou permanente, forma-se e transforma-se de modo contínuo quanto às maneiras pelas quais se representam ou são interpelados nos vários sistemas culturais que o rodeiam. E mais: sua construção é, antes de tudo, histórica, de forma que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente passa a ser uma fantasia, como afirma Hall (2006). Isso remete a uma cristalização dos modelos de “normalidade” e de “padrão” onde o que é valorizado está associado a um modelo de análise baseado no “homem-branco-burguês-racional-ocidental”, fundamentalmente europeu ou norte-

americano, que é praticamente insensível à idiosincrasia de outros grupos e de outras populações (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOHLER, 2014).

Na sequência, mostramos os resultados sobre compartilhamento, em que 36 adolescentes afirmaram conhecer alguém que compartilha ou compartilhou fotos ou vídeos de si mesmos ou de colegas, com conteúdos sexualmente explícitos. Entre eles, 24 disseram já terem recebido insinuações ou conteúdos eróticos contendo nudez, através das redes sociais, sendo que apenas dois estudantes confirmaram já terem praticado ou que ainda praticam o *sexting*. Identificamos que outros disseram não compartilhar conteúdo de cunho sexual. Entretanto quando esses mesmos participantes se referiram às pessoas com quem trocavam esse tipo de material, as pessoas mais citadas foram amigos, parentes, *crushes* ou namorados.

Essa “incoerência” verificada leva-nos a pensar sobre o quanto falar de sexualidade ainda é um tabu. Isso faz supor que os adolescentes apresentaram um certo medo de serem identificados por aquilo que escreveram no questionário. Posto isso, em associação à constituição de tabus linguísticos, que, de um modo ou de outro, perpassam os tabus em geral nos grupos sociais, trazemos o postulado de Ullmann (1966, p. 245), que apresenta sua origem a partir de três fontes: 1) “o medo advindo da religião e das superstições”; 2) “assuntos delicados ou desagradáveis, como a doença e a morte”; e 3) “atos que transgridam as leis da decência e do decoro, como as que incluem referências sexuais”.

Um outro aspecto importante observado refere-se ao que é preciso ser feito para se proteger dos riscos inerentes ao *sexting*. Os tópicos mais citados foram: compartilhar apenas com pessoas de sua confiança; conversar pessoalmente com o destinatário do conteúdo para garantir que o conteúdo seja excluído; guardar nudes da pessoa com quem se está compartilhando para ter uma garantia caso a pessoa espalhe o seu conteúdo; não compartilhar fotos ou vídeos exibindo o rosto ou alguma característica que possa ser usada para identificação (esta última figurou como uma técnica que foi descrita apenas em relatos femininos).

Consideradas as informações sobre a proteção contra riscos e a inserção em grupos sociais variados, foi verificado que a presença de uma restrição do envio desse tipo de material e a adoção de medidas pretensamente preventivas tendem a funcionar

como suficientes, na visão dos adolescentes, para verificar que afirmações como a de que, sem se preocupar com o perigo que os meios eletrônicos podem oferecer, os jovens acabam se colocando, sem perceber, em uma situação de vulnerabilidade (MASCARENHAS; CINTRA; BONINI, 2018). Também, destacamos que a possibilidade de extravio dos arquivos a terceiros não é ignorada pelos jovens. Em outras palavras, ainda que pareçam não se importar com sua segurança e nem com as consequências do seu ato, os adolescentes demonstraram sua preocupação com esses aspectos ainda que se utilizando de elementos que não garantam totalmente a segurança e a proteção desejadas.

Por outro lado, a consideração de Mascarenhas, Cintra e Bonini (2018) de que há um consentimento feito entre os envolvidos no *sexting* é verdadeira, uma vez que se observa que os jovens limitaram a exposição a pessoas de círculo social imediato, tidas em algum grau como confiáveis, o que nos leva, de alguma maneira, à noção de marcação de identidade. Nesse contexto, um dado relevante foi a resposta de apenas dois entrevistados que disseram que as pessoas podem fazer o que bem entenderem de sua intimidade desde que o compartilhamento se dê entre pessoas com confiança mútua e que tenham consciência das consequências do ato. Nesse sentido, na perspectiva da Pragmática Interacional, formas de comunicação situadas no relacionamento entre pessoas de grupos pequenos de comunidades específicas dentro de um determinado evento comunicativo implicam também a percepção de como usuário e contexto sociointeracional, em determinadas situações comunicativas, remetem a propósitos e atos de fala que possam produzir determinados efeitos de sentido para os outros participantes (BARRERE, 2017).

Mais um aspecto dos resultados refere-se aos motivos de hesitação quanto a pedir ajuda aos pais e/ou adultos próximos, quando se sentiam em dúvida ou em risco. Constatamos que houve sentimentos de constrangimento e vergonha para pedir ajuda, a partir de uma premissa vinculada ao receio de falar sobre sexualidade e à necessidade de ocultar assuntos correlacionados. Também foi expresso o temor de decepcionar os pais, por serem “pegos” fazendo algo reprovável socialmente (na visão deles quanto ao que

pensam ser a visão dos adultos sobre o fato) ou medo de ter dificuldades impostas pelo conservadorismo subjacente nesse tipo de assunto⁷.

Esses fatos endereçam a ideia de que pensamentos dessa natureza podem ser enquadrados como comportamento moral, conforme Gomide *et al* (2005) denominam, sendo feito de um conjunto de valores que guiam as ações do indivíduo. Segundo os autores, o estímulo de certo perfil comportamental advém dos pais por meio da regulação da conduta em contraste com o modelo concebido como adequado. Essa constatação pode indicar um dos motivos pelos quais os adolescentes demonstram receio de pedir ajuda aos pais frente às consequências negativas do *sexting*, isto é, por julgarem que seu ato está fora do modelo moral aceitável por seus pais, os adolescentes pressupõem reprimendas e medidas restritivas a sua privacidade se conversarem sobre o assunto ou se eles ficarem sabendo dessa prática. Esses dados são semelhantes aos apresentados por Mano e De Souza (2020).

Inferimos, portanto, a partir da noção de interseccionalidade, que o comportamento moral visualizado pelos respondentes como adequado é fruto de uma construção histórica que baliza o funcionamento de nossa sociedade. Nesse ponto, recorrendo a Kerner (2012), mais especificamente aos aspectos relacionados com o sexismo, pontuamos que se trata de uma relação de poder estabelecida que perpassa dimensões da ordem epistêmica, institucional e pessoal. Para ela, as três dimensões se inter-relacionam e se apoiam mutuamente; sendo que, simultaneamente, o sentido de interseccionalidade se difere de dimensão para dimensão.

Assim, para efeitos de conjugação com nosso objeto de estudo, na dimensão epistêmica, localizamos discursos e saberes, além de símbolos e imagens, que nos impõem normas, representações e atribuições que se distanciam de uma pluralização e de uma diversidade necessárias para evitar estereótipos e afins. Na institucional, arranjos institucionais produzem formas estruturais de hierarquização e de discriminação, o que resulta em complexo entrelaçamento entre diferentes estruturas institucionais; por fim, a dimensão pessoal diz respeito a atitudes, mas também à identidade e à subjetividade de

⁷ Uma discussão sobre a ocorrência desses sentimentos associados às consequências aversivas do *sexting*, considerando a construção histórica das relações de gênero em nossa sociedade, pode ser vista em Mano e De Souza (2020).

peessoas, caminhando para processos de subjetivação ou de formação de identidades com diferentes pontos de referência (KERNER, 2012).

Dessa maneira, é possível inferirmos que os adolescentes, em seus processos de construção identitária, de alguma maneira, baseiam seus discursos e saberes, bem como símbolos e imagens em retroalimentação para a qual o caminho poderá distanciar ou não a imposição de normas, representações e atribuições, por vezes, inclusive, para evitar estereótipos, como observamos nos dados apresentados. Além disso, quanto aos arranjos institucionais, identificamos que dois elementos – hierarquização e discriminação – contribuíram para o acionamento do tabu na relação estabelecida pelos adolescentes com seus pais. Por fim, na dimensão pessoal, podemos inferir, conforme os dados analisados, que atitudes, identidade e subjetividade são pontos de referência para a construção dos marcadores sobre os quais estamos dialogando nessa investigação.

Em nossos resultados, dois outros aspectos merecem uma rápida consideração: falta de discussão sobre sexo e interferência na privacidade. No caso do primeiro, constatamos que a não discussão de questões relacionadas ao sexo, por exemplo, leva a uma não discussão de questões relacionadas à saúde pública e à segurança digital, tendo como riscos iminentes IST's (infecções sexualmente transmissíveis), quando se observa a vivência da sexualidade, principalmente com os avanços tecnológicos que promovem sua ressignificação.

Sobre privacidade, Gomide *et al.* (2005) defendem que a disparidade entre as relações de certos comportamentos dos filhos e o chamado estilo de prática educacional, modo pelo qual os pais regulam as ações dos filhos na vida cotidiana, é fator motivacional para os adolescentes encobrirem suas práticas e se esquivarem de conversar sobre aquilo que se faz nos seus grupos de interação. Em outros termos, evitar falar sobre as particularidades pode estar associado ao estilo de monitoria negativa, aquele no qual os pais fazem a fiscalização excessiva da vida dos filhos, com instruções repetitivas acerca de certos temas, como ocorre em geral, com a sexualidade, especialmente a das moças⁸.

Desse modo, ao estimular que seus filhos se esquivem de falar sobre o exercício da sexualidade, os pais perdem a oportunidade de perceber que tipo de autopercepção

⁸ Ver também MANO; SOUZA, 2020.

tem o filho no que se refere ao próprio corpo, visto que, nesse sentido, autores como Paixão *et al* (2016) vêm salientando que a aparência física é um dos temas de maior preocupação entre os adolescentes. Assim, de fato, apesar de ser também uma forma de expressar a sexualidade, o *sexting* pode proporcionar possíveis prejuízos à interação entre os adolescentes, como por exemplo: interferência de adultos na sua privacidade e possibilidade de serem alvos de sextorção, de *grooming* e de *cyberbullying*⁹ (FERNANDEZ, 2014).

Por fim, fazendo um contraste entre os riscos listados e o envolvimento com *sexting*, principalmente sob pressão dos amigos, verificamos que o adolescente tende a lidar com seus desejos e necessidades atuais guiados pelos ideais construídos entre seus pares, o que remete a uma construção de marcadores de identidade de grupo. Segundo Da Rocha e Ribeiro (2017), observando a complexa rede motivacional do *sexting* entre adolescentes, é possível afirmar que eles estão diretamente envolvidos com estímulos presentes advindos da interação com seus pares, mas não abandonam completamente os ideais construídos na relação com seus pais.

3 Considerações finais

Indiscutivelmente, é possível considerar o *sexting* uma interação social que engendra a vivência “tecnologicamente mediada” da sexualidade. Como nos afirma Ling (2004), o *sexting* se configura como um tipo de manifestação sexual constituinte do conjunto de interações sociais construído pelos adolescentes. Para além, a dinamicidade não linear da linguagem em congruência com a adaptabilidade que interconecta seus elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-culturais e políticos, a nosso ver, é fator importante nessa construção pubescente.

Não estamos diante, por isso, de um comportamento genuinamente novo se considerarmos que, em um passado no qual as relações não eram mediadas pelas

⁹ A “sextorsão” é a chantagem sofrida por uma pessoa que tem sua imagem comprometida de tipo sexual nas mãos de outra que se aproveita para fazer exigências; a prática do “grooming” caracteriza-se pela tentativa de aproximação física da pessoa cujas imagens contendo dados de geolocalização ou georreferenciação estejam de posse de um “predador sexual” implicando sérias questões de privacidade e de segurança física da pessoa em exposição; e o “cyberbullying” é definido como assédio recorrente e premeditado que acontece em uma ambiência digital específica (FERNANDÉZ, 2013).

tecnologias de informação e comunicação atuais, existiam interações sociais, como flertes e brincadeiras, por exemplo, que também envolviam aspectos da sexualidade. O que atualmente tem tido uma caracterização especial é o fato de que, com a mediação tecnológica nas interações, o círculo de trocas comunicacionais se expande de tal maneira que, de uma “brincadeira de médico” realizada entre dois ou mais adolescentes “presencialmente”, foi possível se chegar ao *sexting* englobando um grande número de pessoas e, até mesmo, com quem jamais se teve contato ou que não são conhecidas segundo os parâmetros da interação “face a face”.

Os dados que aqui apresentamos, portanto, nos dão suporte para afirmar que a compreensão da “troca de nudes” entre adolescentes exige que olhemos para esse comportamento como sendo uma expressão de variáveis importantes da interação social, tais como o estabelecimento e a manutenção de relações, o sentimento de autoconfiança, a habilidade de estabelecer laços de proximidade/amizade e a tentativa de atrair a atenção daqueles com quem interage; além disso, via significados socioculturais imbricados em suas ações, o compartilhar de conhecimento comunicativo e pragmático em contextos associados.

Em vista disso, a confirmação, pelos dados coletados, do papel da linguagem, considerando seu universo sócio-semiótico, mostra como o comportamento é dinâmico em suas nuances comunicativas quanto aos mais variados eventos interativos nos quais os adolescentes podem se envolver socialmente e, em particular, de como escolhas feitas para suas interações sociais geram efeitos sobre si e sobre outros colegas nos atos da comunicação via *sexting*, sendo um elemento importante para designar as possibilidades de marcação de identidade de grupo, como pontuado a partir da noção de interseccionalidade.

Um outro ponto importante ainda refere-se ao fato de que alguns adolescentes relatam pouca orientação por parte da escola, principalmente os estudantes da escola pública. O processo formativo construído por meio da escolarização, em nossa interpretação, precisa ser cada vez mais estruturado e fundamentado em princípios que contribuam para a aquisição de habilidades de cidadania e respeito para consigo e com os outros, com o propósito de que seja possível uma sociabilidade ancorada em preceitos

que não reproduzam os padrões morais preconceituosos associados ao exercício da sexualidade.

Por esse ângulo, então, é relevante o entendimento aventado por nós, nessa investigação, de que discursos e saberes são mobilizados na construção de normas, de representações e de atribuições, que podem criar uma distância tal que redunde em estereótipos e solidifique formas estruturais de hierarquização e de discriminação a ponto de provocar um complexo processo de subjetivação e de formação de identidades que precisam receber uma orientação que possa caminhar para que existam diferentes pontos de referência e, por isso, maneiras diversas relativas aos padrões sociais, evitando a propagação de intolerância e rejeições, por exemplo.

Assim, mais que estimular um “pânico moral” em torno dessa forma de comportamento, é preciso que a sua compreensão por parte de diferentes áreas do conhecimento como Psicologia, Pedagogia e Sociologia, por exemplo, inclusive de maneira multidisciplinar, permita o surgimento de práticas educacionais que estimulem a aprendizagem da vivência responsável e minimizadora dos riscos presentes no *sexting*. É fundamental, por conseguinte, que mais pesquisas se debruçam sobre os aspectos motivacionais do *sexting*, a fim de que o conhecimento acumulado facilite a elaboração e a aplicação de intervenções multidisciplinares tendo como meta uma interação social com riscos minimizados e benefícios bem aproveitados.

Embora não tenha sido especificamente o objetivo deste estudo comparar as diferentes realidades de adolescentes de escolas pública e privada, entende-se que esse tipo de informação é importante para que sejam mais bem conhecidos os diferentes contextos que sustentam a prática do *sexting*. Que pesquisas futuras contribuam para esta discussão particular. Assim, sustentamos que investigar a prática do *sexting* é assumir uma linha de pesquisa eminentemente multidisciplinar, sendo que essa particularidade necessita, principalmente nos institutos acadêmicos de pesquisa, ser explorada de modo responsável e seriamente conduzida no intuito de construir habilidades sociais fundamentadas em conhecimento científico sólido que possa ser revertido para os diversos grupos sociais em suas mais variadas complexas estruturas.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETE, Luana Lisboa. Face e polidez linguística em reclamações *online*: uma análise sob o viés pragmático. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 383-405, jan./jun, 2017.
- BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASSEL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 189-217.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARDOSO, André Tavares; FALCKE, Denise; MOSMANN, Clarisse Pereira. Sexting: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 665-685, 2019.
- CERQUEIRA-SANTOS, Elder; MELO NETO, Othon Cardoso.; KOLLER, Silvia Helena. Adolescentes e adolescências. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia Helena (orgs.). **Trabalhando com adolescentes**: teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: ARTMED, 2014. p. 17-29.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DA ROCHA, Fátima Niemeyer.; RIBEIRO, Carlos Alberto. Escolhas na adolescência: implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. **Revista Mosaico**, Vassouras, v. 8, n. 2, p. 39-47, 2017.
- DODAJ, Arta; SESAR, Kristina. Sexting categories. **Mediterranean Journal of Clinical Psychology**, Messina, v. 8, n. 2, p. 1-26, 2020.
- DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FERNANDEZ, Jorge Flores. Sexting, sextorsão e grooming. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; EISENSTEIN, Susana; ESTEFENON, Bruno (orgs.). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais, 2014. p. 72-92.
- GOMIDE, Paula Inez Cunha *et al.* Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico-USF**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 169-178, 2005.
- GUMPERZ, John Joseph. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Identity: the real me: postmodernism and the question of identity**. London: Institute for Contemporary Arts, 1987. (ICA Document 6)

KERNER, Ina. Tudo é interseccional? **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 93, julho, p. 45-58, 2012.

LING, Rich. Mobile communications vis-à-vis teen emancipation, peer group integration and deviance. In: HARPER, Richard; TAYLOR, Alex; PALEN, Leysia. **The inside text: social perspectives on SMS in the mobile age**. London: Klewer, 2004. p. 175-189.

MANO, Maíra Kubík; DE SOUZA, Fabrício. Sexting, adolescência e relações de gênero. In: DENECA, Alessa Montalvão Oliveira *et al.* (orgs). **Gênero na psicologia: transversalidades**. Salvador: CRP-03, 2020. p. 74-85.

MURARI, Karina Stangherlin; DORNELLES, Patrícia Paludette. Uma revisão acerca do padrão de autoimagem em adolescente. **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, Osório, v. 3, n. 1, p. 155-168, 2018.

OLIVEIRA, Jair Antônio de. Pragmática & comunicação. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 2, p. 53-68, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PAIXÃO, Jairo Antônio da *et al.* Adolescência e autoimagem corporal: um estudo de caso em Muriaé. **Revista Científica da FAMINAS**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 11-17, 2016.

MASCARENHAS, Ygor Silva; CINTRA, Fernanda de Oliveira; BONINI, Luci Mendes de Melo. A pornografia de vingança e o sexting entre adolescentes e jovens no Brasil: reflexões acerca da dignidade humana. **Revista Científica UMC**, Mogi das Cruzes, v. 3, n. 3, p. 1-4, 2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Fabrício de; ALVES BANACO, Roberto. A prática cultural do sexting entre adolescentes: notas para a delimitação do objeto de estudo. **Acta Comportamental**, Guadalajara, v. 26, n. 1, p. 127-141, 2018.

SOUZA, Fabrício de; BECKER, Bianca. Para além da infância: adolescência também é tempo de brincar. In: BICHARA, Ilka Dias; SOUZA, Fabrício de; BECKER, Bianca (orgs.). **Crianças e adolescentes em redes: tecnologias digitais e culturas lúdicas**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 181-205.

ULLMANN, Stephen. Semantic universals. *In: GREENBERG, Joseph. **Universals in language***. Massachusetts: MIT Press, 1966.

WALRAVE, Michel *et al.* Sharing and caring? The role of social media and privacy in sexting behavior. *In: WALRAVE, Michel et al (eds.). **Sexting**: motives and risk in online sexual self-presentation*. Nottingham: Nottingham Trent University, 2018. p. 1-14.

WOLAK, Janis; FINKELHOR, David. Sexting: a typology. **Bulletin**, Durham, NH: Crimes Against Children Research Center, 2011. p 1-11.

Recebido em: 04/12/2020
Revisões requeridas em: 10/11/2022
Aprovado em: 06/01/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023
revistalinhas@gmail.com